

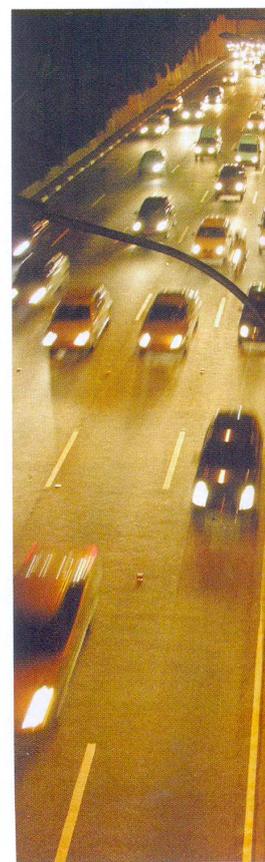
CHEGOU A HORA

Por uma confluência de fatores, o agronegócio brasileiro vive um momento de incontido otimismo. A mola propulsora dessa tendência positiva é a visão das portas do mercado mundial de biocombustíveis. Há, literalmente, um mundo pela frente a ser conquistado. Mais do que exportar matéria-prima, chegou a hora de agregar valor ao nosso produto e vender também tecnologia. As projeções são boas, mas é recomendável ter cautela

Março de 2007 representa um marco histórico para o agronegócio brasileiro. Em visita ao Brasil, o presidente norte-americano George W. Bush declarou oficialmente o interesse de seu país pelos biocombustíveis. Mais do que isso, assinou com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva um memorando de cooperação tecnológica entre os dois países, para a produção de etanol. A intenção é reduzir em 20% o consumo de gasolina nos próximos 10 anos e, para isso, elevar o consumo interno de biocombustíveis dos atuais 19 bilhões para 132,5 bilhões de litros por ano. Uma medida, nas palavras do próprio Bush, estratégica para a segurança nacional dos Estados Unidos.

E o Brasil, que já vivia um momento de entusiasmo com o biodiesel, estimulado principalmente pelo Plano Nacional de Agroenergia, lançado pelo governo federal em 2006 para incentivar a atividade agroenergética (produção e processamento), mergulhou num momento ainda mais otimista. Os holofotes do mundo naquele momento se voltavam para a cana-de-açúcar, matéria-prima do etanol mais barato do mundo, cerca de US\$ 156 por metro cúbico, contra US\$ 250 do etanol de milho, principal origem do biocombustível norte-americano.

Evidentemente, ainda falta um longo caminho até que os efeitos desse início de entendimento comecem a se materializar. Mas Brasil e Estados Unidos são responsáveis por cerca de 75% da produção mundial de etanol, um fato que contribui ainda mais com a posição privilegiada do Brasil, que pode se tornar o principal agente mundial no segmento do etanol. Uma vantagem extraordinária num momento em que o mundo vive um processo de substi-



tuição da matriz energética, migrando do petróleo (fóssil) para fontes renováveis, como a biomassa.

De acordo com o ex-ministro da Agricultura Roberto Rodrigues, trata-se de uma grande oportunidade, não só pela possibilidade de exportação dos biocombustíveis, mas também das tecnologias de produção. Desde novembro de 1975, motivado pela crise mundial do petróleo ocorrida dois anos antes, através do Programa Nacional do Álcool, Proálcool, o Brasil trabalha no desenvolvimento de tecnologias para o setor. Esse conhecimento acumulado faz a diferença agora, dando ao país uma condição superior à de exportador apenas de matéria-prima, mas também de um pacote tecnológico completo, com muito mais valor agregado.

Projeções

Segundo a União da Indústria de Cana-de-açúcar de São Paulo, Unica, o país produziu 17,7 bilhões de litros de álcool na safra 2006/2007, dos quais 3,6 bilhões foram exportados e as plantações de cana-de-açúcar ocupam uma área de 6,3 milhões de hectares. Baseada em investimentos já confirmados, a Unica prevê que na safra 2012/2013 a produção alcooleira deva atingir 38 bilhões de litros, as exportações saltam para 5,5 bilhões de litros de etanol e a área plantada chega a 10,3 milhões de hectares. Outros levantamentos ainda apontam que o número de usinas de álcool e açúcar vai passar dos atuais 325 para 412 – praticamente, uma nova usina por mês – e a atividade estará gerando mais de 1 milhão de empregos.

Já no que diz respeito ao biodiesel, a partir de janeiro de 2008 a mistura de 2% de biodiesel ao óleo diesel comum torna-se obrigatória – atualmente é facultativa –, estabelecendo um mercado que consumirá cerca de 1 bilhão de litros por ano. Em 2010, se forem superadas algumas discussões técnicas, o percentual da mistura deve subir para 5%. Por conta dessa maior adição, já se fala num consumo nacional de aproximadamente 2,5 bilhões de litros de biodiesel por ano.

Também está previsto para o ano que vem a produção do biodiesel com tecnologia 100% nacional. A Petrobras está implantando duas usinas experimentais no Rio Grande do Norte, onde espera desenvolver ou adaptar tecnologias para o processamento de oleaginosas com potencial produtivo no Brasil. De acordo com Mozart Schmitt, gerente de desenvolvimento de energias renováveis da Petrobras, existem ainda centenas de tipos de oleaginosas que podem ser exploradas. Atualmente, as mais conhecidas são a mamona, dendê, pinhão manso, soja, caroço de algodão e girassol. Até 2011, a Petrobras espera estar produzindo 850 milhões de litros de biodiesel por ano.

Fuga

Catarina Pezzo, coordenadora de projeto do Pólo Nacional de Biocombustíveis, afirma que um cenário tão favorável provoca um entusiasmo natural nas pessoas, já sendo possível, inclusive, detectar um grande crescimento na procura por informações que viabilizem a abertura de novos projetos no setor, sobretudo de usinas para a produção de biodiesel. Contudo, ela destaca que esse entu-



Catarina Pezzo: "Cenário favorável provoca entusiasmo"

Investimento em cana-de-açúcar torna-se viável em função da proximidade da usina



siasmo é maior do que o que de fato vem se concretizando. “Existem dois cenários. O primeiro é o das grandes empresas que já se relacionavam com a cadeia produtiva de alguma forma, como a Petrobras, Agropalma e alguns frigoríficos, estes produzindo biodiesel a partir do sebo bovino. Tais exemplos estão também relacionados com o selo de combustível social, que requer trabalhos com a agricultura familiar. O segundo cenário diz respeito às produções em escalas muito pequenas, via de regra de produtores que trabalham para reciclar seus resíduos ou para produzir seu próprio combustível”, observa.

Ainda segundo ela, trata-se de uma realidade relativamente nova, portanto, há muita insegurança por falta de pacotes tecnológicos já validados pela pesquisa. Para cada caso específico é necessário fazer um estudo no local para checar a disponibilidade de matéria-prima, com a garantia de um fornecimento regular da produção, sem fugas para outros fins.

“No caso da cana, a viabilidade do investimento está diretamente relacionada à proximidade de uma usina. Aliás, dificilmente uma propriedade vai ter um melhor rendimento produzindo outra coisa que não seja cana-de-açúcar. O produtor vende exclusiva e diretamente para essa usina e existe uma fórmula definida pelo Conselho dos Produtores de Cana-de-Açúcar, Açúcar e Álcool, Consecana, que determina os preços pagos e quase todo o país a segue”.

Com o biodiesel, o caso já é bem diferente, pois as usinas dependem de comprar matéria-prima no mercado. E aí, as possibilidades são muito mais amplas. Há uma grande diversidade de matérias-primas e, no caso da soja – que é a que mais alimenta o mercado de biodiesel hoje em dia –, pode haver fuga em massa, se houver uma cotação melhor da soja para ser usada como alimento, o que é muito provável, uma vez que a margem na fabricação de combustível é bem pequena.

“Ultimamente, boa parte da destinação da soja para biodiesel se dava em função da baixa cotação do produto no mercado internacional. Com a recuperação dos preços, o mercado volta a ser atraente e a destinação muda. É um mercado mais complexo que o da cana-de-açúcar. Mas no caso das culturas para o biodiesel, os contratos de fornecimento não exigem uma relação tão próxima do produtor com o industrial. Além disso, para essas outras culturas, principalmente da soja, já existe uma logística pronta, capaz de permitir, através da armazenagem, que mesmo fora da safra haja matéria-prima disponível para a indústria de biodiesel”, destaca Catarina Pezzo.

Esfriamento

Ainda de acordo com Catarina, há uma nítida tendência de expansão da cana-de-açúcar para o Centro-Oeste e outras fronteiras que não têm essa atividade como tradição. É um mercado que se encontra em plena

OPÇÃO PELA CANA

De acordo com o pesquisador Cesar José da Silva, também da área de Agroenergia da Embrapa Agropecuária Oeste, para avaliar a possibilidade de vir a ingressar na atividade canaveira, o produtor deve, primeiramente, decidir qual a modalidade que ele quer adotar: ser um arrendatário de terras para usinas ou ser um fornecedor de matéria-prima para a usina.

Em muitos lugares, sobretudo, no Centro-Oeste, boa parte desses produtores interessados em plantar cana-de-açúcar são pecuaristas e não possuem maquinário adequado em sua propriedade. Para esses casos, a saída mais indicada é o arrendamento das áreas para as indústrias.

No caso dos produtores de grãos, que normalmente já detêm uma estrutura preparada, a melhor opção é o plantio da cana, cuja rentabilidade é maior que a do arrendamento de terras. Nessas situações, a propriedade já possui todo o maquinário recomendado para o preparo do solo, plantio e tratamentos culturais, dependendo apenas de pequenas adequações. "Trata-se de um ponto fundamental que deve ser observado pelo produtor na hora de decidir. Se ele estiver descapitalizado, fatalmente terá que recorrer a empréstimos", diz o pesquisador.

Outro ponto importante, além da questão da logística que pode inviabilizar em função do transporte, são as características gerais da propriedade. Se o solo, por exemplo, for muito pobre do ponto de vista químico, a maior exigência por fertilizantes pode acabar encarecendo muito a produção. "A cana tem um grande potencial de produção por hectare, mas também é uma cultura bastante exigente. Ou seja, a lavoura vai requerer um investimento maior para atingir uma produtividade que justifique a opção pela cana, e só se justifica plantar em áreas cuja produtividade média seja, no mínimo, de 70 a 75 toneladas por hectare/ano, considerando os cortes dos quatro ou cinco anos seguintes".

Adaptações

A maior exigência da lavoura de cana-de-açúcar é por nitrogênio, que é fornecido via adubação mineral ou, eventualmente, por adubação orgânica. É esse nutriente que mais eleva os gastos com adubação para a cana. Ao contrário do que acontece com a soja, ainda não há bactérias que atuem de forma semelhante ao rizóbio, que fixa o nitrogênio no solo.

"A colheita mecanizada também já é uma exigência, por isso, o produtor deve observar ainda a topografia do terreno. Áreas muito acidentadas ou com afloramento de rochas são impeditivas à colheita mecânica. Lavouras em regiões com temperaturas muito baixas podem ter sua produtividade afetada a partir do segundo ano. Para isso, está sendo desenvolvido um trabalho de zoneamento agroclimático, principalmente para a região sul de Mato Grosso do Sul", explica Cesar José da Silva.

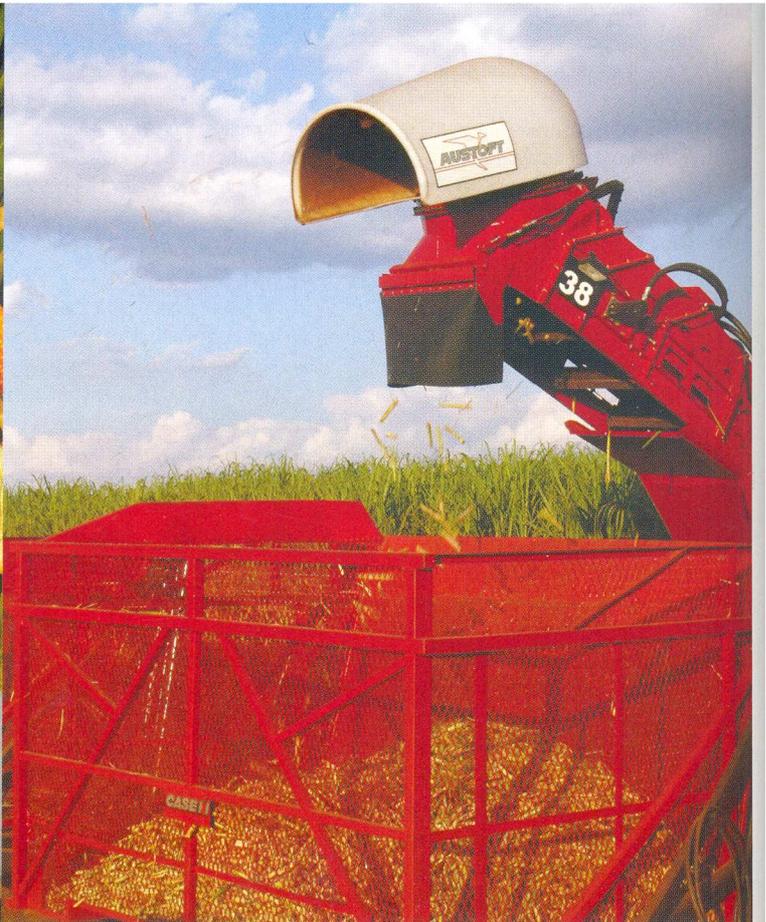
Muitas das recomendações agrônômicas usadas nas lavouras de São Paulo servem também para o Centro-Oeste e estão sendo levadas por alguns órgãos e pelas próprias usinas que vêm se instalando em toda a região. O detalhe, porém, fica por conta das cultivares, que ainda precisam ser adaptadas às condições da região. O primeiro passo é testar, entre as já existentes, as que melhor se adaptam ao ambiente de cerrado e, a partir daí, começar a fazer trabalhos para a criação de variedades específicas para a região.

Hoje, o plantio acontece praticamente o ano inteiro, mas em função da disponibilidade hídrica, há dois momentos mais definidos. Para a chamada cana de ano, que vai receber o primeiro corte já em julho ou agosto do ano seguinte, o plantio ocorre no início do período chuvoso (setembro/outubro), com preparo de solo no inverno. A outra seria a cana de ano e meio, cujo plantio se dá no final do período chuvoso (março/abril) para ser colhida somente no ano seguinte.



NUÍTON PERES DE ARAÚJO

Cesar José da Silva: cana é cultura exigente



Milho e cana servem para produzir etanol, mas o m³ do milho custa US\$ 250 e o da cana, US\$ 156

Renato Roscoe: pinhão manso é cultura ainda pouco conhecida

ebulição e deverá continuar assim pelos próximos dois ou três anos; depois disso, a tendência aponta para um possível esfriamento. “Existe muita expectativa de crescimento nos negócios internacionais, até mais do que no mercado interno, mas esse mercado externo ainda não está consolidado, o que significa que haverá sobra de álcool por algum tempo internamente e, por consequência, queda no preço do produto. Posteriormente, vencido esse período e consolidado o mercado internacional, o desempenho passará a ser sempre positivo por um bom tempo”, avalia.

De qualquer forma, a principal recomendação dos representantes de todas as entidades sérias do setor é de que é preciso ter cautela. São unânimes as declarações de que o produtor rural que pensa em começar a trabalhar com o setor precisa tomar muito cuidado, sobretudo com o modismo e o oportunismo que acompanha toda novidade.

O pinhão manso, por exemplo, que pode vir a se tornar uma boa alternativa para a produção de biodiesel dentro de alguns anos, é uma cultura muito pouco conhecida. Ele sequer tem pacotes tecnológicos oficiais definidos e, no entanto, já há quem plante lavouras comerciais com

ele – uma precipitação que pode custar caro. Por se tratar de uma planta perene, requer altos investimentos para a instalação da lavoura e, por falta de conhecimento, o agricultor pode vir a perder tudo devido a problemas agrônômicos, pragas, doenças, espaçamento inadequado, infertilidade do solo, irrigação inadequada etc.

“É uma cultura extremamente interessante e tem um potencial produtivo muito bom para a produção do biodiesel, mas se você me perguntar quanto ela produz, a minha resposta é: não sei. Tudo precisa ser estudado. Foram criadas expectativas muito grandes com relação à cultura, o que pode ser encarado até como irresponsabilidade, uma vez que não a se conhece tão profundamente. Corre-se até mesmo o risco de queimar a própria cultura no mercado”, explica o pesquisador de Agroenergia e chefe de Pesquisa e Desenvolvimento da Embrapa Agropecuária Oeste, Renato Roscoe.

Segundo Catarina Pezzo, a partir de agora, vão começar a aparecer novas culturas. O que o produtor deve fazer é buscar um apoio técnico de qualidade, como o da Embrapa e outras entidades, ou trabalhar com pequenas áreas para experimentar. “Arriscar grandes extensões como já há gente fazendo é uma roleta russa”, destaca. □